

A morte do coronel e os coronéis da morte

Adriana Loche¹

Em 16 de janeiro de 2008, recebemos estarecidos a notícia de que o Coronel da Polícia Militar, José Hermínio Rodrigues, fora morto enquanto andava de bicicleta, na zona Norte do município de São Paulo. O coronel, executado com 6 tiros na cabeça, era o chefe do Comando de Policiamento Metropolitano 3, que abrange a zona Norte do município de São Paulo.

A princípio o crime parecia uma tentativa de assalto, que resultara em morte, mas, como nada foi levado do policial, esta hipótese – apesar de não poder ser descartada – parece ser a mais remota, segundo informações da Polícia Civil, responsável pela investigação do crime.

No dia seguinte à morte do comandante, os jornais estamparam a notícia da primeira chacina do ano na zona Norte de São Paulo, a mesma região que era comandada pelo coronel. Homens encapuzados teriam chegado à pé e disparado contra pessoas que estavam no interior de um bar, matando 7 – entre elas uma mulher – e ferindo duas gravemente. A única pessoa que saiu ileso foi o dono do estabelecimento.

Haveria alguma relação entre os dois episódios ou estes seriam casos isolados?

É muito provável que sim, e as hipóteses para a relação entre todos os crimes são duas: ou o grupo responsável pela morte do coronel quis demonstrar força cometendo a chacina ou cometeu outro crime para desviar a atenção sobre a morte do oficial.

Sabemos também que, quando assumiu o comando do policiamento da região, o coronel passou a participar das investigações sobre o suposto envolvimento de seus subordinados em chacinas e na atuação de grupos de extermínio. Se levarmos em consideração que, em 2007, na mesma região, ocorreram 8 chacinas, vitimando 34 pessoas, e que em quatro delas foi comprovada a participação de policiais, não há relação apenas entre a morte do coronel e a chacina do dia seguinte, mas também entre estes dois episódios e as chacinas ocorridas em 2007.

Há ainda um outro aspecto desta história que não podemos deixar de lembrar: quando a violência nas ações policiais, como no caso dos homicídios decorrentes da chamada “resistência seguida de morte”, é considerada normal, perde-se o controle da legalidade da ação policial. Desta forma, transmite-se uma mensagem equivocada sobre verdadeira função da polícia e cria-se um espaço para que muitos de seus membros passem a agir à margem da lei, no qual qualquer cidadão pode ser vítima, inclusive membros da própria corporação policial.

¹ Cientista social e secretária-executiva do Centro Santo Dias de Direitos Humanos.



www.dhnet.org.br